

ITALO CALVINO.
SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

Lélia Erbolato Melo
FFLCH/USP

“Leveza”, “Rapidez”, “Exatidão”, “Visibilidade” e “Multiplicidade” são cinco conferências que Italo Calvino havia preparado para a Universidade de Harvard e que, devido à morte súbita do autor, nunca foram proferidas. O objetivo em vista: dedicar estas conferências a alguns valores ou qualidades ou especificidades da literatura que lhe são particularmente caros. São também cinco das qualidades da escritura (uma sexta, a Consistência, seria o tema da última conferência, jamais escrita) que Calvino teria desejado transmitir à humanidade do próximo milênio.

Feitas de divagações, memórias, trechos autobiográficos, as Seis propostas vão de Virgílio a Queneau, de Dante a Joyce, em busca de uma concepção da literatura como transparência e lucidez, e como respeito aos próprios instrumentos e aos próprios objetos.

De modo oblíquo, essas “lições americanas” acabam se tornando o retrato de seu autor, de seu anseio em conjugar a clareza da linguagem com a densidade e a complexidade das estruturas narrativas. Em determinado momento, Calvino fala do estilo conciso e extraordinariamente funcional dos contos de fadas (pp. 49-50).

Minha intenção é mostrar ao leitor algumas passagens do livro que poderiam (não de forma exaustiva, mas de forma prazerosa) caracterizar cada uma das cinco conferências e que seriam, na verdade, um convite para o leitor prosseguir em sua leitura.

Leveza: nesta conferência, Calvino busca explicar a razão que o levou a considerar a leveza antes um valor que

um defeito e se propõe dizer quais são, entre as obras do passado, aquelas em que reconhece o seu ideal de leveza, e a indicar o lugar que reserva a esse valor no presente e como o projeta no futuro. Serve-se, então, de Cavalcanti, poeta florentino, para exemplificar a “leveza” em três acepções distintas: 1) *“um despojamento da linguagem por meio do qual os significados são canalizados por um tecido verbal”...* (cita Emily Rickinson); 2) *“a narração de um raciocínio ou de um processo psicológico no qual interferem elementos sutis e imperceptíveis, ou qualquer descrição que comporte um alto grau de abstração”* (cita Henry James); 3) *“uma imagem figurativa da leveza que assuma um valor emblemático...”* (como na história de Boccaccio).

Rapidez: a partir do relato de uma antiga lenda (a lenda de Carlos Magno), Calvino tenta inicialmente explicar as razões pelas quais uma história como essa tem o poder de fascinar-nos. Em seguida, retoma a técnica da narrativa oral na tradição popular mostrando que ela obedece a critérios de funcionalidade: negligencia os detalhes inúteis mas insiste nas repetições, por exemplo. E não esconde ao leitor que num determinado período de sua atividade literária sentiu atração pelos contos populares e pelas histórias de fadas, não pela fidelidade a uma tradição étnica, nem por nostalgia de suas leituras infantis, mas por interesse estilístico e estrutural e pela lógica essencial com que tais contos são narrados. E Calvino se delicia com a retomada (no tempo e no espaço) de narrativas que vão de Sheherazade, Thomas de Quincery, Galileu Galilei a Carlo Levi (entre outros).

Exatidão: Calvino abre esta conferência sobre a exatidão na literatura invocando o nome de Maat, a deusa da balança (por sinal, o signo zodiacal do autor). Procura definir o tema levando em conta três coisas: *“1) um projeto de obra bem definido e calculado; 2) a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis...; 3) uma linguagem que seja capaz de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação”*.

Pondo à prova seu culto à exatidão, Calvino percorre de Leopardi (“*Zibaldore*”), passa por Robert Muil, pelo poeta Paul Valéry, Paolo Zellini (in *Breve storia dell’infinito*), chega a Chomsky (através do prefácio ao livro do debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky, no Centre Royaumont - *Théories du langage - Théories de l’apprentissage*, Éd. du Seuil. Paris, 1980), e detém-se no livro de sua autoria *Le città invisibili*. Neste momento, percebe claramente que sua busca da exatidão se bifurcava em duas direções. “*De um lado, a redução dos acontecimentos contingentes a esquemas abstratos que permitissem o cálculo e a demonstração de teoremas; do outro, o esforço das palavras para dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas*”.

Visibilidade: esta conferência (inspirada inicialmente em Dante, no “*Purgatório*” (XVII, 25)) parte da seguinte constatação: “*a fantasia, o sonho, a imaginação é um lugar dentro do qual chove*”. Com base nesta leitura, Calvino distingue e explica dois tipos de processos imaginativos: “*o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal*”. Ilustra a importância de que se reveste a imaginação visiva com algumas passagens extraídas de Exercícios espirituais (de santo Inácio de Loyola). A seguir, volta à problemática literária, indagando como se forma o imaginário, de onde provêm as imagens que “*chovem*” na fantasia? Argumenta, então, que não são apenas os poetas e romancistas que levantam o problema: “*de maneira análoga, também o levanta um estudioso da inteligência Douglas Hofstadter...*”. E lembra que a história mais abrangente, clara e sintética da idéia de imaginação que encontrou foi um ensaio de Jean Starobinski (“*O império do imaginário*”, in *La relation critique*, Gallimard, 1970), que o leva a recuperar sua experiência de escritor, principalmente aquela que se refere à narrativa fantástica. Justifica a inclusão da Visibilidade em sua lista de valores a preservar para advertir que estamos correndo o perigo de

perder uma faculdade humana fundamental: “a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens”.

Multiplicidade: Calvino começa este capítulo por uma citação de Carlo Emilio Gadda [*Aquela confusão louca da via Merulana*] porque ela se presta muito bem como intróito ao tema de sua conferência, que é o romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo. Justifica a escolha de Gadda “não só porque se trata de um escritor de sua língua, mas sobretudo porque sua filosofia se casa muito bem com seu discurso...”. E cita passagens extraídas de Robert Musil [*O homem sem qualidades*], Proust (*Recherche*), Goethe, Flaubert, Thomas Mann [*A montanha mágica*]. Lembra, no entanto, que “diferentemente da literatura medieval que tendia para obras capazes de exprimir a integração do saber humano numa ordem e numa forma de densidade estável (como *A divina comédia*) ... os livros modernos nascem da confluência e do entrelaçamento de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão”.

Como arremate de suas reflexões e proposições, Calvino lembra os valores que, gostaria, fossem transferidos para o próximo milênio: o de uma literatura que tome para si o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia, como a do Valéry ensaísta e prosador. E se tivesse que apontar quem na literatura realizou perfeitamente o ideal estético de Valéry (da exatidão de imaginação e de linguagem) diria sem hesitar Jorge Luis Borges.

E ao concluir sua apologia do romance como grande rede, uma indagação: “quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?”.

Referência Bibliográfica

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio. Lições americanas*. 2. ed. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.